



***AS DIFERENÇAS E DESIGUALDADES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS SOCIAIS
DA JUVENTUDE***

**DIFERENCIAS Y DESIGUALDADES DE GÉNERO EN LAS PRÁCTICAS
SOCIALES DE LA JUVENTUD**

***THE DIFFERENCES AND GENDER INEQUALITIES IN SOCIAL PRACTICES
OF YOUTH***

*Angela Maria Corso*¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir as práticas de tempo livre e lazer das juventudes, balizando as relações sociais de gênero nestas práticas sociais. A pesquisa foi realizada na cidade de Irati, no estado do Paraná, mediante questionário e entrevistas. Foi aplicado questionário com 346 estudantes, de três escolas públicas e entrevistados 23 jovens de uma das escolas. A análise apoia-se nos estudos sociológicos da juventude, em Sposito e Abramo, no conceito de consubstancialidade para a análise das relações sociais de sexo, classe e gênero, em Kergoat e no conceito de performatividade de gênero, em Butler. Os dados apontam que as relações sociais atravessam os modos de vida das juventudes, confirmado que na sociedade de classe há lugares diferentes para homens e mulheres nas atividades de tempo livre e lazer, como a prática de esporte, dança, jogos eletrônicos, bem como na mobilidade para circular na cidade e no convívio social.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes. Gênero. Tempo livre. Lazer.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir las prácticas de tiempo libre y ocio de los jóvenes, marcando las relaciones sociales de género en estas prácticas sociales. La investigación se desarrolló en la ciudad de Irati, en el estado de Paraná, a través de cuestionario y entrevistas. Se aplicó un cuestionario a 346 estudiantes de tres escuelas públicas y se entrevistaron a 23 jóvenes de una de las escuelas. El análisis se basa en los estudios sociológicos sobre la juventud, según Sposito y Abramo, en el concepto de consubstancialidad, para el análisis de las relaciones sociales de sexo, clase y género, según Kergoat y en el concepto de performatividad de género, según Butler. Los datos señalan que las relaciones sociales atraviesan los estilos de vida de los jóvenes, confirmando que

¹ Doutorado em Educação pela UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil. Professora do curso de Pedagogia, UNICENTRO, Irati, Paraná, Brasil.

en la sociedad de clases existen diferencias en los roles de hombres y mujeres en las actividades de tiempo libre y de ocio, como la práctica de deportes, el baile, los juegos electrónicos, así como para moverse en la ciudad y en la vida social.

PALABRAS-CLAVE: Juventud. Género. Tiempo libre. Ocio.

ABSTRACT

This article aims to discuss free time and leisure activities in youth, while examining the underlying social gender relations within this societal practices. The research was held in Irati, a city located in Paraná state, through questionnaire and interview. It was applied to 346 students of three public schools and 23 students were interviewed in one of them. The analysis is based in sociological studies of youth by Sposito and Abramo, in the concept of consubstantiality for the analysis of social relations of sex, social status and gender by Kergoat and the concept of gender performativity by Butler. The data indicates that social relations permeate the lifestyles of young people, establishing that in a class-based society there are different places for men and women in free time and leisure activities, such as practicing sports, dancing, playing computer games, as well as in mobility to move around the city and in social interactions.

KEYWORDS: Youth. Gender. Free time. Leisure

Introdução

O presente artigo² tem como objetivo discutir as práticas de tempo livre e lazer da juventude escolar, demarcando como as relações sociais de gênero produzem diferenças nestas práticas sociais. A análise que apresentamos neste texto resulta de uma parte da pesquisa do doutorado realizada com jovens das escolas públicas, em uma cidade pequena no interior do Paraná, chamada Irati³.

Partimos de uma compreensão de *Juventudes no plural* como uma categoria heterogênea atravessada por condições diversas e desiguais referente ao contexto social, histórico e cultural e as relações de classe, gênero, cor/raça e a origem social. A heterogeneidade que constitui o próprio grupo que estamos categorizando aqui, a partir do termo juventude, produz igualdade, bem como diversidade. Produz também, e sobretudo, desigualdades, pois o modo como o período da juventude é vivida pode restringir as possibilidades de acesso a diversos produtos da humanidade, como o trabalho, a cultura, a política, o lazer, o esporte, a ciência e a tecnologia.

² Resulta de uma pesquisa de doutoramento orientada pela profa. Dra. Aparecida Neri de Souza, Unicamp.

³ Trata-se de uma cidade pequena, situada na região sudeste do estado do Paraná, constituída por vinte e um municípios, dos quais Irati se destaca em função de suas dimensões populacionais e níveis de polarização (PARANÁ, 2004). Essa região integra o chamado “Paraná tradicional”, cuja organização do espaço foi vinculada inicialmente às atividades econômicas tradicionais, como a extração da erva-mate e a agricultura alimentar. Atualmente, a base econômica do município, em relação à geração de riquezas e empregos, está ligada, principalmente, ao setor de serviços.

Abramo (2008) e Sposito (2004, 2009), de forma recorrente, têm utilizado os termos condição e situação como duas dimensões para analisar as diferenças entre a concepção de juventude e os diferentes modos que os jovens têm para vivê-la. Para esses autores, a condição juvenil é o modo como uma sociedade atribui significado a essa fase da vida, e situação juvenil é, então, o modo como tal condição é vivida considerando as diferenças de gênero, classe, cor/raça, território, etc.

Certamente, a diferença entre “condição juvenil” e situação juvenil” permanece, mas as questões colocadas agora são outras. Se há tempos atrás todos começavam seus textos a respeito do tema da juventude citando Bourdieu, alertando para o fato de que “juventude” podia esconder uma situação de classe, hoje o alerta é o de que precisamos falar de juventudes, no plural, e não de juventude, no singular, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam essa condição (ABRAMO, 2008, p.43-44).

Sendo assim, consideramos que não existe uma juventude, mas sim juventudes, face à diversidade de modos de ser jovem num mundo de desigualdades, violências e oportunidades diferencialmente distribuídas, conforme a classe social, a cor da pele, o gênero, e o local de moradia (ABRAMO, 2008).

Pensando nas diferenças e desigualdades que atravessam as juventudes, buscamos levantar algumas características do tempo que não é ocupado pela escola, pelo trabalho ou por obrigações familiares. Entendendo que a ocupação do tempo livre e atividades de lazer depende do capital cultural, das oportunidades que a cidade oferece⁴, das condições econômicas e sociais e das marcações de sexo e gênero.

Para análise do tempo livre e de lazer, tomamos como referencial a teoria do processo civilizador, a partir das contribuições de Elias e Dunning (1992), compreendendo o tempo livre como aquele distinto das atividades de trabalho, e o lazer como uma atividade livre, escolhida porque aparenta agradável à pessoa que a realiza. Contudo, há uma produção científica sobre o tempo livre e o lazer dos jovens brasileiros que não foi analisada neste estudo.

Para a discussão das diferenças nas atividades de tempo livre e lazer dos jovens, como a prática de esporte e da dança, recorreremos à teoria Queer e ao conceito de performatividade de gênero, nos baseamos em Butler (2003), pois as relações de gênero

⁴ No âmbito do direito dos jovens brasileiros, o lazer é reconhecido no Estatuto da Juventude (2023) como um direito, quando no seu artigo 28, aponta para a necessidade de políticas públicas de lazer e desporto para os jovens brasileiros, considerando a oferta de equipamentos comunitários que permitam a prática desportiva, cultural e de lazer.

produzem diferenças ou assimetrias para homens e mulheres nesta prática social. Para Butler, o gênero é engendrado no seio das relações sociais e de poder, não é natural, mas ritualizado, repetido, normatizado, através de atos, gestos e representações. Essa norma criou uma matriz heteronormativa em que o sexo é que produz o gênero e, em consequência o desejo, por isso, repudia qualquer expressão, manifestação que fuja à norma dessa matriz.

Adotamos também o conceito de *consustancialidade* como categoria fundamental no processo de investigação sobre a juventude, com intenção de explorar em que medida as relações sociais de sexo, classe e gênero produzem diferenças ou desigualdades nas trajetórias de vida dos jovens. O conceito de consustancialidade é utilizado por Kergoat (2010) para compreender as práticas sociais entre homens e mulheres frente à dimensão do trabalho, sem isolar as relações sociais. Para a autora, as condições em que vivem homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, mas resultam de construções sociais.

Neste sentido, para Kergoat (2010), adotar o conceito de consustancialidade implica uma forma de leitura da realidade social a partir do entrecruzamento dinâmico e complexo do conjunto das relações sociais – raça, classe, gênero – que imprime sua marca nas outras, ajustando-se às demais e construindo-se de maneira recíproca, sem hierarquizações: “Não se trata de fazer um tour de todas as relações sociais envolvidas, uma a uma, mas de enxergar os entrecruzamentos e as interpretações que formam um ‘nó’ no seio de uma individualidade ou um grupo” (KERGOAT, 2010, p. 100).

As fontes para a escrita do artigo são os dados de uma pesquisa de doutorado (coletadas entre 2017 a 2018), através de um questionário, aplicado 346 estudantes dos terceiros anos do ensino médio de três escolas públicas estaduais e depoimentos de 23 jovens, por meio de entrevistas (semiestruturada). Na análise, as três escolas são denominadas, respectivamente, de: Escola do Centro, Escola do Bairro e Escola Rurbana⁵. Para garantir a integridade e o sigilo dos participantes da pesquisa utilizamos

⁵ A escola Central é considerada uma escola de grande porte. Segundo os dados divulgados pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná, essa escola possui 613 alunos matriculados no ensino fundamental, e 682 no Ensino Médio. Ela é frequentada por alunos de diferentes bairros, tanto da região central quanto da periferia da cidade. A escola Bairro é menor: são 232 alunos no ensino fundamental e 105 no Ensino Médio, localizada num bairro próximo, mas já na periferia da cidade. A escola Rurbana, é localizada em um bairro dentro do perímetro urbano, mas com muitas características rurais (categoria rurbano). Os alunos matriculados nessa escola são do próprio bairro e também moradores do campo; é uma escola com 223 alunos no ensino fundamental e 102 alunos matriculados no Ensino Médio.

nomes fictícios. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Unicamp (Parecer: 2.759.768).

Tempo livre e lazer dos jovens estudantes

Para discutir tempo livre e lazer, enquanto conceitos sociológicos, buscamos a contribuição de Elias e Dunning (1992) que reconhecem cinco elementos da existência de um tempo livre, tempo liberto das ocupações do trabalho: a atividade familiar, o descanso, a necessidade biológica, a sociabilidade e a atividade recreativa, que são as atividades de tempo livre que apresentam características de lazer. Para os autores, as atividades de lazer têm como função a oposição às rotinas da vida social, já que a excitação agradável vai depender do interesse individual baseado nas experiências e motivações próprias de quem pratica a atividade. Nesse caso, nem todas as atividades de tempo livre são necessariamente de lazer.

Tabela 01 - Atividade de tempo livre

	Escola Centro/F	Escola Centro/M	Escola Bairro/F	Escola Bairro/M	Escola Rurbana/F	Escola Rurbana/M
navego na internet	74	73	61	73	73	65
utilizo as redes sociais	77	63	77	73	69	55
assisto séries	68	49	55	52	39	31
assisto tv	48	37	66	57	60	31
Leio	41	19	25	11	21	24
jogo videogame	8	53	15	35	13	44
pratico esportes	27	50	14	70	17	58
pratico dança	11	5	14	0	8	6
Namoro	43	31	51	17	34	20
participo grupos religiosos	19	9	37	23	21	10
saio com a família	75	43	74	35	52	41
saio com amigos	71	31	55	47	65	70
vou ao cinema	26	30	25	17	4	24
vou à praça	35	40	33	38	17	24
vou a bares e lanchonetes	35	27	33	10	20	17
vou à praça de alimentação	37	24	33	17	30	24
vou a baladas ou festas	46	13	37	10	17	34
não faço nada	12	8	3	11	17	6
Outros	2	5	3	5	0	17

Fonte: Questionário
Elaboração: a autora

“Navegar na internet e usar as redes sociais” são as atividades mais realizadas para ambos os sexos e pelos jovens das três escolas, com uma diferença quando se trata dos jovens do sexo masculino, da escola Rurbana que, em geral, revelam menos

frequência nessas atividades. Uma hipótese é que o sinal da internet e o acesso gratuito na região da Escola Rurbana sejam precarizados e, talvez, por isso essa diferença.

Também, há uma ligeira diferença entre a opção “navego na internet” e “utilizo as redes sociais”. Embora seja bem expressivo o acesso à internet e às redes sociais pelos jovens, aparecem os limites no acesso, seja por razões econômicas e/ou culturais, o acesso não é universal. Tendo em vista que, de modo geral, a internet é paga e tem um custo alto para as classes populares, a inclusão digital encontra-se também relacionada com a capacidade dos sujeitos de adquirir o aparelho e as redes de sinais, já que quase não há redes públicas, talvez uma das únicas, para muitos deles, seja a da escola. Por isso, cogitamos que a ligeira diferença entre a opção “navego na internet” e “utilizo as redes sociais” pode ser em parte por escolha própria desses jovens, mas em parte também porque conseguem navegar na internet somente no laboratório de informática da escola. Mas, em geral, o acesso às redes sociais nos computadores das instituições públicas é bloqueado.

“Assistir tv” é uma atividade ainda bastante presente da vida dos jovens, tanto que fica entre as três atividades mais citadas. Mas os dados das entrevistas indicam que a tv aberta vem disputando espaço com os seriados. Para assistir “séries”, é necessário, em geral, o acesso de serviços de *plataformas streaming*, como a Netflix ou Redes Sociais Digitais, como YouTube. No entanto, para tal, há um custo relacionado ao acesso que pode explicar a diferença entre os jovens do bairro popular e os jovens do centro. Também, é possível pontuar uma diferença de gênero, já que os jovens assistem menos séries que as jovens.

Quanto aos jogos de videogame, parece que em decorrência do crescimento da indústria tecnológica, há uma valorização da vida virtual nos jogos pelos jovens que, na perspectiva do processo civilizador de Elias e Dunning (1992), corresponde à passagem da esfera da ação concreta para uma esfera de ação mimética, de representação. A excitação vivida pelos jovens através dos jogos virtuais pode ser o elemento que a torna uma das principais atividades citadas pelos meninos, pois possibilita emoções diferentes daquelas vividas cotidianamente. Como explicam Elias e Dunning (1992, p. 183), as atividades de ação mimética “despertam emoções de um tipo específico que estão intimamente relacionadas de uma forma específica, diferente, com aquelas que as pessoas experimentam no decurso da sua vida ordinária de não lazer”.

As jovens leem mais do que os jovens, mas na escola Rurbana nem tanto. As jovens que mais leem são as da Escola do Centro, e os jovens que menos leem são os da

Escola do Bairro. A partir da origem social dos jovens, podemos afirmar que o capital cultural dos pais é uma variável determinante para o acesso ou estímulo à atividade de leitura. Evidente que pode haver outras relações, como a experiência escolar, o capital social, os espaços que circulam, a proximidade aos equipamentos de leitura, como livrarias, sebos e bibliotecas, que podem ter produzido o gosto ou desejo dos jovens para dedicar parte do seu tempo livre à leitura.

Chama atenção o fato de ser na Escola do Bairro onde há maior referência da prática da dança pelas estudantes e nenhuma referência pelos jovens do sexo masculino. Apenas na Escola Rurbana não houve diferença expressiva entre os sexos, embora tenha sido citada – por um pequeno número de jovens – a dança gaúcha⁶, uma dança tradicionalista composta de um homem e uma mulher heterossexuais, em que os passos e as vestimentas expressam marcações importantes de gênero. Evidencia-se, assim, que no grupo pesquisado somente as danças tradicionalistas não colocam à prova a masculinidade dos jovens⁷.

Os homens são os peões e realizam movimentos fortes e vigorosos e as mulheres são as prendas que, por sua vez, realizam movimentos mais suaves e delicados, de acordo com os papéis sociais por eles ocupados. Além disto, algumas danças são executadas apenas por peões o que parece refletir diretamente nas relações de gênero que se estabelecem neste universo, bem como nos significados instituídos e instituintes que emergem da temática abordada (BIANCALANA⁸, 2014, p. 29-30).

De modo geral, os homens praticam mais esporte que as mulheres. A partir do resultado da diferença nas práticas de esporte e dança, é possível perceber que para os estudantes a dança ainda é significada como prática corporal eminentemente feminina e o esporte como prática corporal masculina. Nesse caso, recorremos a Butler (2003), entendendo que o gênero começa a ser regulado desde que se anuncia que um bebê é

⁶ No Plano diretor do município há referência ao espaço público dedicado a eventos conhecido como Centro de Tradições Willy Laars, voltado à realização de rodeios e competições afins. O espaço foi criado em função do crescimento do movimento tradicionalista gaúcho em Irati e abriga o Rodeio de Irati, o maior rodeio crioulo do Estado. Também, o Centro de Tradições Gaúchas Esteio da Esperança, fundado em 2001, e o Centro de Tradições Gaúchas XV de Julho, fundado em 1998, sendo ambos voltados à dança, declamação e demais manifestações do folclore gaúcho. Na cidade há frequentes bailes gaúchos, como as tradicionais domingueiras, e também curso de dança gaúche na danceteria Park Dance, que é uma das duas danceterias da cidade.

⁷ Além da cultura da dança gaúcha, também é conhecido o Centro de Tradições Polonesas Três de Maio e o Grupo Folclórico Ucrainiano Ivan Kupalo, composto por crianças, jovens e adultos.

⁸ Danças Tradicionalistas Riograndenses, Gênero e Memória. Disponível em : https://www.researchgate.net/publication/317268812_Dancas_Tradicionalistas_Riograndenses_Genero_e_Memoria Acesso em: 25 jan. 2019.

menino ou menina e que esse determina uma cadeia de atos de linguagem e cria-se um discurso coercitivo em relação ao gênero, de acordo com as normas sociais e culturais.

Nos chamou a atenção também o reduzido número de jovens que frequentam o cinema, pois, no momento da pesquisa, este estava em evidência na cidade, havendo uma sala de exibição com preços de ingressos relativamente populares. Apesar de o cinema ter sido levado para Irati em 1929, ele teve suas atividades encerradas em 1984. Nesse ínterim, houve períodos mais ou menos longos em que o cinema permanecia aberto e outros em que permanecia com as atividades paralisadas. No período mais recente, em agosto de 2017, ele foi reaberto por uma empresa privada, contendo programação diária com filmes comuns dos cinemas comerciais, o que parecia indicar que os jovens estariam frequentando mais o cinema, tendo em vista os poucos equipamentos culturais e de lazer que a cidade oferece. Contudo, levando em conta o capital cultural dos jovens, e o *habitus de classe*⁹, nos termos de Bourdieu, é possível perceber que o cinema é um produto de consumo restrito e não acessível ou de gosto e prática dos jovens das classes populares.

Sair com os amigos é uma atividade comum entre as jovens. Reunir-se nas praças e parques¹⁰, assim como ir para bares e lanchonetes, praça de alimentação, baladas e festas. De modo geral, parece que as meninas saem mais e namoram mais que os meninos. Esse dado poderia indicar que está se construindo uma maior mobilidade feminina pela cidade. Contudo, quando olhamos no conjunto dos outros dados, percebemos que os meninos têm mais mobilidade para circular na cidade. É preciso observar, ainda, que o item “vou a festas e baladas e cinema” é menos citado pelas jovens da Escola Rurbana, seja por aspectos da formação cultural das famílias ou pela grande distância entre o bairro e o centro, onde estão localizados esses tipos de estabelecimentos de lazer.

A pesquisa também revelou que muitos jovens saem com suas famílias. Mas se percebe uma diferença entre os sexos, indicando ser uma atividade mais comum para as mulheres. Esse resultado também diz algo sobre a característica da cidade, colonizada por imigrantes eslavos que conservam atividades fechadas junto às suas famílias, como os almoços de domingo na casa de parentes, mas também pode ser que esteja apontando para uma diferença de movimento dos jovens na cidade, na qual os homens possuem maior mobilidade para praticar atividades extrafamiliares.

⁹ O *habitus* se constitui em um conjunto de práticas e gostos adquiridos ao longo do tempo pelo indivíduo. Estes conhecimentos são herdados do meio social ao qual cada indivíduo pertence. Para Bourdieu (2009), o princípio unificador e gerador das práticas, ou seja, ao *habitus de classe*, como forma incorporada da condição de classe e dos condicionamentos que ela impõe.

¹⁰ No capítulo 1, apresentamos os parques e praças da cidade.

Os dados do questionário revelam que a participação em grupos religiosos ocorre mais na Escola do Bairro, e o percentual de participação das meninas é o dobro que dos meninos, isso em ambas as escolas. Em seguida discutiremos os dados baseado no depoimento de 23 jovens da escola do Centro, por meio de entrevista (semiestruturada). O critério para participação nessa fase foi ter participado do movimento de ocupações das escolas em 2016, tendo em vista que acompanhamos in loco o desenrolar de vários momentos da ocupação na referida escola, o que permitiu um clima favorável para o contato com os jovens para essa fase das entrevistas.

O que nos dizem os jovens

As expressões “eu mexo no celular”, “fico na internet”, “fico no celular” aparecem na maioria das entrevistas indicando que o celular é uma tecnologia bastante usada pelos estudantes, somente dois deles não possuíam telefone celular: um porque havida sido furtado no caminho para escola “Então eu fui assaltado, então agora eu tô sem celular”, e o outro que, ao preencher o termo de consentimento, perguntou se poderia ser o número de celular da mãe, porque ele “não tinha celular”.

Embora perceba-se desigualdade no acesso a essa tecnologia, fica evidente que o celular é o principal aparelho pelo qual os estudantes possuem acesso à internet e às redes sociais, provavelmente devido ao seu custo ser mais baixo que a aquisição de um computador e a posse de uma conexão banda larga e pela facilidade de manuseio e de recursos que o celular oferece, como a câmera fotográfica, aplicativos e acesso às redes sociais.

A maioria dos jovens entrevistados não fez relação do uso da internet e do celular e/ou das redes sociais como atividade de lazer, apenas um deles citou “[...] é acho que meu lazer é ficar na internet, sei lá uma hora, nas redes sociais. Não fico o dia todo, mas uso todo dia” (Marx, entrevista, 16.08.2018).

Tratam a internet ou o celular como tecnologias incorporadas às suas rotinas diárias para se comunicar e se relacionar, embora também usem para assistir séries e vídeos, estudar, jogar e participar da vida política.¹¹ O uso de aplicativos como o

¹¹ Na pesquisa realizada por Lia Machado Fiuza Filho e Francisca Genifer Andrade de Sousa - JUVENTUDES E REDES SOCIAIS: interações e orientações educacionais, em meio às atividades desenvolvidas pelos jovens por intermédio da internet, a exercida com maior frequência foi à comunicação por meio das redes sociais, para conversar com os amigos ou fazer outras amizades, seguida por fazer pesquisa e assistir filmes e séries e, em menor proporção, jogar. Disponível em? <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/viewFile/721/421> Acesso em: 27 ago. 2019.

WhatsApp possibilita ampliar o círculo de relações com estudantes de outras escolas e jovens de outros bairros e cidades e se comunicar com as pessoas que já se relacionam.

Na segunda e na quinta eu vou para o cursinho (cursinho pré-vestibular) à tarde, nos outros dias pelo menos uma vez por semana eu passo com um amigo, nos outros dias eu estudo em casa, fico na internet, à noite eu vou para o cursinho, quando eu volto do cursinho eu tento estudar mais um pouco, mas geralmente eu não estudo, só fico na internet mais um pouco (Simone, entrevista, 14.08.18).

Converso com meus amigos, fico atento as coisas do jovem aprendiz, uso as redes sociais, né! e jogo bastante, jogo que coloco dinheiro, sabe! (Iqbal, entrevista, 14.08.2018).

Fico mais no celular
O que vc faz no celular?
 Mensagem, WhatsApp (Fidel, entrevista, 22.08.2018).

A maioria deles não estuda ou usa a internet para estudar,¹² inclusive Maria diz que se afastou das redes sociais para concentrar nos estudos e também pelo desgaste da participação política nas redes sociais “nas redes sociais você se depara com muito ódio”. Neste sentido, apesar da internet possibilitar espaço para participação de todas as formas de expressão políticas, culturais das mais progressistas às mais conservadoras e repressoras (GOHN, 2019), não deixa de ser um espaço de conflitividade.

Eu uso muito a internet, mas nesse ano que eu estou estudando eu até preferi ficar um pouco longe, né! para me concentrar um pouco mais, mas também porque quando você está nas redes sociais você se depara com muito ódio, né! Com muita gente que não concorda com você, mas não sabe respeitar a opinião de outra pessoa, né! e isso acaba fazendo muito mal para você, então eu acabei saindo um pouco por isso, porque eu tava me sentindo mal, eu não aguentava mais ser criticada a todo momento, sendo julgada, então acabei dando um tempo (Maria, entrevista, 14.09.2018).

Rosa mencionou que faz mais uso da internet para assistir alguma coisa, como por exemplo, vídeos sobre o conteúdo escolar dos trabalhos escolares, mas não menciona que usa a internet para estudar.

Agora eu uso mais site ou para assistir alguma coisa, porque eu coloco alguma coisa para mim assistir porque eu não gosto de ficar no quieto para fazer minhas coisas. Então eu coloco um vídeo e fico escutando e fazendo minhas tarefas, trabalho, fazendo alguma coisa. (...) Qualquer

¹² Deve-se levar em conta, no entanto, que esses percentuais fossem alterados se a pesquisa tivesse sido realizada durante ou após a Pandemia da Covid 19, e a implementação do Ensino Remoto e/ ou das Plataformas de Ensino.

vídeo assim que me chame atenção ou que tenha algum assunto que me ajude no conteúdo da escola, sabe! às vezes eu fico escutando um vídeo do assunto de um trabalho, então eu coloco e fico fazendo o trabalho (Rosa, entrevista, 10.08.2018).

Apenas cinco dos vinte e três jovens mencionaram a leitura como atividade de lazer ou que realizam no tempo livre – 3 estudantes do sexo feminino e 2 do sexo masculino, informando que os jovens leem pouco. Dois deles sinalizaram leituras de cunho religioso (livros espíritas e a Bíblia) como livros que foram importantes para a formação e a deles como leitores. Este resultado tem similitude com o estudo realizado pelo Instituto Pro Livro – Retratos da Leitura no Brasil¹³ – cujos dados indicam que as mulheres leem mais que os homens e que a Bíblia e os livros de cunho religioso são os livros mais lidos, em qualquer nível de escolaridade.

De modo geral, os relatos dos jovens indicam que os espaços de onde eles vêm e os espaços que circulam determinam o acesso aos bens culturais, como os livros, a literatura. Rosa, Dandara e Lenin indicam a leitura como um capital cultural transmitido pelas suas mães, que facilitaram o acesso ao capital cultural transmitido pela instituição escolar: “cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes em face do capital cultural e da instituição escolar” (BOURDIEU, 1998, p. 42).

O jovem Lenin faz referência à professora de literatura como determinante na construção do seu gosto e hábito de leitura, indicando que socialização escolar e a interação com a professora e o conteúdo de literatura, para ele, produziram uma identificação com as obras do Paulo Leminski e com o gênero textual do escritor e poeta brasileiro, possibilitando uma ampliação do seu capital cultural e uma diferenciação prática e consciente dos dois tipos de leitura – a literatura e os livros religiosos – “Só que os livros espíritas eu sempre li dando outra importância, não como a literatura”.

Conhecer a literatura foi a melhor coisa no Ensino Médio. Até o sétimo ano que eu tinha reprovado, uí falava de literatura eu pensava credo, coisa ruim (...). Daí eu comecei a entender a literatura, conheci a literatura. Quem fez eu pá, entender a literatura, foi a professora (nome da professora). “Você conhece a (nome da professora)? (...)”. A (nome da professora) é um anjo, ela que fez, com ela eu peguei o sentido da literatura. E também foi com Paulo Leminski, não tem autor mais rebelde que ele. Daí tipo eu li Paulo Leminski, daí entendi como ele se expressava fazendo rimas, trova e prosa e daí eu pensei: “puxa nossa

¹³ Retratos da leitura no Brasil 4/ organização de Zoara Failla. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

deve ser muito bom fazer isso”. Daí eu comecei a fazer [...]. Já os livros espíritas eu lia com minha mãe, foi minha mãe que me passou essa vontade de ler, porque eu sempre perguntava: “mãe por que as pessoas morrem”, (...) essa coisas, daí ela lia comigo, lia algumas linhas e daí me explicava, dava exemplos, daí eu comecei a pegar base. Foi sensacional para mim! Só que os livros espíritas eu sempre li dando outra importância, não como a literatura (Lenin, entrevista, 20.08.2018).

Rosa menciona que a mãe, por meio da leitura constante de gibis, teve papel determinante na construção do seu gosto e hábito de leitura. Considera que a preparação para as provas do vestibular não permite tempo para leitura livre, a leitura por lazer. Dandara cobra-se uma atividade de leitura e diferencia a leitura de lazer e a leitura como aprendizagem, conhecimento.

Desde pequena a minha mãe lia Gibi da turma da Mônica para mim, ela sempre comprava gibis. Aí quando eu aprendi a ler eu sempre lia os Gibis para ela. Aí com o tempo eu fui lendo outras coisas. Agora eu leio menos, mas eu lia mais, é que esse ano estou mais me preparando para o vestibular, então tenho menos tempo e acabo que leio menos, ou somente o que vai cair nas provas. Mas eu não parei de ler, só que leio menos (Rosa, entrevista, 10.08.2018).

Ah também ler, aliás, ano passado eu lia bem mais. Eu tinha mais tempo (risos) *O que você gosta de ler?* É. depende do momento, as vezes eu só quero fazer uma leitura para não me sentindo nossa eu não tô lendo, aí eu pego alguma narrativa, algo mais curto, mas o que me dá prazer de ler, são livros, como eu posso dizer, ai não lembro o gênero literário, livros tipo a cidade do sol, que são livros de ficção, mas que tem a ver com a realidade, porque era da época que tava tendo a guerra no Irã, no Iraque, que começou se estabelecer o islamismo. Mas também gosto de livros mais antigos, tipo aquela Coleção Primeiros Passos (...) eu gosto porque vai te explicar o que são as coisas, o que é o marxismo, o que é o anarquismo. O que é isso, o que é aquilo, acho que faz você conhecer. Também tem um livro que eu gosto, que é muito legal, deixa eu tentar lembrar, (...) assim, porque eu sou Vegana, daí eu gosto de livros pela causa animal, sabe? (...) “Por que comemos porcos, vestimos vacas, e amamos cachorros?”, É tipo o livro da conclusão do doutorado da autora, se eu não me engano. Eu gosto de livros assim (Dandara, entrevista, 05.10.18).

Já no depoimento de Florestan há uma representação social de que o indivíduo que lê é diferente, que o *capital cultural* incorporado do gosto pela leitura sugere uma postura distinta, distinção que não é reconhecida socialmente nos espaços que ele circula – “eu gosto de ler também, apesar de não parecer”. Também faz menção ao gosto e à prática de leituras de textos de caráter religioso relacionados à Umbanda. Já Olga estabelece um vínculo entre a escrita e a leitura. “eu sou uma pessoa que gosto de escrever, então eu sempre estou com um caderno na mão escrevendo, pesquisando, lendo”.

Ah eu fico na internet, e eu gosto de ler também, apesar de não parecer porque eu sou bem espeloteado, mas eu gosto de ler. (...) É, que as pessoas falam você lê e aí eu falo que sim, algumas pensam e dizem que não parece. Porque eu sou sempre agitado, é difícil ver eu quietinho ali lendo.[...] Eu gosto de ler bastante livro, porque eu sou da Umbanda e eu gosto de ler livros com relação a isso, psicografado, e também a pouco tempo me interessei e li um sobre a segunda guerra mundial (Florestan, 20.08.18).

Eu gosto de tocar violão, eu toco violão, eu gosto bastante de escutar música, eu sou uma pessoa que gosto de escrever, então eu sempre estou com um caderno na mão escrevendo, pesquisando, lendo (Olga, entrevista, 10.08.18).

Embora metade dos estudantes do sexo masculino da Escola do Centro tenham citado o videogame como atividade de lazer, durante a entrevista apenas um deles mencionou que joga com o console do videogame e os outros três citaram que jogam pelo celular ou computador, quando tem acesso. Isso indica que os preços dos computadores e dos consoles de videogames e jogos no Brasil são bastante elevados, gerando uma divisão entre quem facilmente pode e quem dificilmente consegue, por questão econômica, ter acesso mais facilitado ou mais dificultado para realização dessa atividade. Mesmo no caso dos jogos online, há um custo e necessidade de uma boa internet com estabilidade e velocidade.

Outra coisa, nenhuma das jovens entrevistadas mencionou o videogame ou outros tipos de jogos eletrônicos. Embora estudos apontem um crescimento da presença feminina nos jogos eletrônicos¹⁴, o resultado indica que a grande maioria dos jogadores de videogame permanece sendo masculina¹⁵.

Eu fui assaltado, então agora eu tô sem celular. Daí eu assisto série na televisão e jogo videogame. Mas eu quase não fico em casa, até quando

¹⁴A pesquisa realizada pelo Sioux (Agência de Tecnologia interativa) e pela ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing) sobre o perfil dos games brasileiros, aponta que a maior parte dos consumidores de games é composta pelo público feminino. Contudo, há uma diferença no tipo de consumo: O consumo feminino é na modalidade casual game – é aquele desenvolvido para diversos públicos, com foco em promover experiências divertidas, de fácil aprendizagem e jogabilidade simples. (CGA, Casual Games Association: Facts: What is the size of the casual games industry. Disponível em: <http://www.casualconnect.org/> Acesso em: 27 ago. 2019.

¹⁵Essa diferença de gênero no consumo do videogame é explicada por Crawford e Gosling (2005) por ser ela uma indústria dominada no seu início – nos anos 80/90 – associada ao público masculino. O estudo dos autores indica que as mulheres quando são iniciadas nos videogames o são através de algum familiar masculino. O resultado da pesquisa realizada por Freitas (2017) também indicou a mesma situação: de que a maioria dos jogadores de *games* brasileiros foi inicializada através de um indivíduo do sexo masculino, na sua infância ou na sua adolescência.

eu tinha celular eu não era muito preso ao celular por que eu sempre gostei muito de esporte, jogar bola na rua, joga bola no parque aquático. Então jogo videogame mais sábado e domingo que eu não vou na academia (Antonio, entrevista, 13.08.2018).

Eu jogava bastante no computador, daí às vezes me pagavam para eu ocupar a conta deles no jogo. E eu também eu sabia fazer bastante coisa no photoshop e ganhava uma graninha. Mas daí estragou meu computador. Até eu tava trabalhando para comprar outro, mas daí não deu (Beijamim, entrevista, 10.08.2018).

Chego em casa, almoço, jogo um pouco, até dar a hora do cursinho (online) e começo estudar e logo que termina o cursinho eu já vou dormir, termina tarde, né! (Paulo, entrevista, 16.08.2018).

De modo geral, os homens praticam mais esporte que as mulheres. Embora um ou outro jovem tenha citado o vôlei ou o basquete, o futebol aparece como principal atividade esportiva de lazer, diferenciando o sentido dado pelo jovem Iqbal que, ele ou a mãe, parece projetar futebol profissional. Na consulta a documentos da Secretaria de Esportes e no Inventário Turístico do Município, constatamos que os ginásios e quadras poliesportivas são os principais equipamentos públicos de lazer da cidade, revelando característica da cultura nacional relacionada à prática do esporte, especialmente do futebol, o que se mostrou evidente nos relatos dos jovens.

[...] Eu saio, saio jogar bola, só não fico na casa! (...) (Bertoldo, entrevista, 21.08.2018).

Nóis saímos direto, jogamos bola, vamos no velcross, fumamos nosso narguilé, mas agora tô até parando um pouco, porque minha mãe me colocou no novo time da base do Irati. Não sei se você viu? E aí agora eu tô me preparando para fazer os testes para participar do novo time (Iqbal, entrevista, 14.08.2018).

Eu saio com meus amigos, faço caminhada no parque, combino com os amigos de ir nas cachoeiras, jogar bola (Ernesto, entrevista, 30.07.2018).

A luta ou também chamada de arte marcial, aparece no relato dos jovens como treinamento, e são práticas cultivadas por três jovens, sendo eles Frida, Bertoldo e Antonio. As limitações financeiras impediram Bertoldo de continuar treinando, e Frida relata que a academia de luta se transformou no seu lugar de moradia.

Segunda, quarta e sexta geralmente eu treino à tarde e a noite (Muay Thai), eu faço dois treinos no dia. Tinha um tempo que eu treinava, duas, três vezes por dia (risos) [...] Dai como eu comecei treinar Muay Thai. Quando eu ainda morava ali, eu comecei treinar, e foi aí que encontrei, assim, uma família aqui. Nossa, uma família gigante aqui

dentro, sabe! Por que eles me ajudam muito, mas principalmente o professor, o dono da academia, o funcionário da academia também, eles são bem família, também o pessoal que treina aqui. Tenho uma grande amiga hoje, que virou minha mãe, que me orienta, que me ajuda pra caramba também, que puxa minha orelha. E foi que, como eu não tava conseguindo pagar o aluguel, o dono abriu as portas e deixou eu morar aqui. (Frida, entrevista, 23.10.2018).

Até um mês atrás eu fazia jiu-jitsu. Fiz 2 anos e 8 meses de jiu-jitsu. Mas daí tive que parar porque não tinha mais incentivo, parou, ninguém dava mais os incentivos. Eu pedia dinheiro para mãe, a mãe dizia que não tinha. (...). Mas a vontade é grande de voltar a fazer! (Bertoldo, entrevista, 21.08.2018).

Então agora que eu tô na luta séria, eu tô levando a luta muito a sério. Então o dia que não tem estágio eu vou para a escola, almoço e vou treinar. Às vezes eu fico das duas as 10 na academia treinando. (...) Eu treino das duas as quatro, física, daí descanso, daí das 5 as 6 eu faço uma corrida. [...] Dai como alguma coisa e seis e meia eu treino Jiu-jitsu, das sete e meia as oito e meia e Muay Thai e daí eu descanso e às vezes eu treino com alguém que ficou para pegar mais (Antonio, entrevista, 13.08.2018).

Já a dança, ainda que pouco praticada pelos jovens, é mais praticada pelo sexo feminino, mas com objetivo estético. Já as danças tradicionais gaúchas são praticadas e admiradas por homens e mulheres, diferentemente do resultado do questionário, que indicava um interesse maior dos homens por essa modalidade de dança. Ainda assim, há uma indicação de forte influência da cultura gaúcha na vida dos jovens de Irati.

Ah, eu faço zumba em casa, mas não é todo dia, tipo, quando eu estava bem focada para melhorar o colesterol eu fazia todo dia. Agora eu tava querendo voltar esse mês porque no outro mês vai ter a viagem e eu queria ir mais magra, sei lá! (Simone, entrevista, 14.08.2018).

A gente gosta muito de dança tradicional gaúcha. A gente fez curso! A gente sai as vezes no domingo, nessas domingueiras que tem no parque, a gente vai as vezes, assim, porque a gente gosta muito de música gaúcha (Chica, entrevista, 16.08.2018).

Ah eu tenho vontade de fazer dança gaúcha (Trotsky, entrevista em 15.08.2020).

Sair com os amigos é uma atividade comum entre os jovens. Reunir-se nas praças e parques¹⁶, assim como ir para bares e lanchonetes, praças de alimentação e festas.

Geralmente eu saio com a (nome da amiga), a gente sai pelo menos uma vez por semana, antes a gente se via mais, mas agora tem o cursinho e

¹⁶ No capítulo 1, apresentamos os parques e praças da cidade.

ela também, ela começou a namorar esse ano. Então a gente sai, pelo menos uma vez por semana, para não esfriar a amizade, a gente vai na praça da matriz e fica sentada conversando, ou vai no Papa Tudo (lanchonete) comer alguma coisa ou na rua quando eu ou ela tem que resolver alguma coisa, ou no G center (Praça de Alimentação), geralmente a gente não vai no G center porque todo mundo vai lá. É meio que isso (Simone, entrevista, 14.08.2018).

Nos finais de semana a gente sai, com o pessoal aqui da sala, a gente vai no parque aquático, toma tereré, toca violão. Nas quintas a gente vai na igreja, à noite. E quando tem algum evento da igreja a gente vai na igreja. [...]A gente fez curso! A gente sai às vezes no domingo, nessas domingueiras que tem no parque (...) (Chica, entrevista, 16.08.2018).

Podemos observar que o álcool, o narguilé e a maconha, especialmente o álcool, estão presentes como elementos de socialização para muitos jovens, principalmente no relato dos rapazes; o tema quase não aparece no relato das meninas. O uso do termo “rolê” para Fernandes está no sentido de uma reunião ou pequeno passeio entre jovens para “beber, fumar narguilé, conversar”.

Eu saio com meus amigos, geralmente andar de skate, às vezes saio para conversar, beber alguma coisa, eu não sou muito chegado em bebida, mas quando tá ali eu tomo (Lenin, entrevista, 20.08.2018).

[...]Nóis saímos, nós ficamos nas tabacarias aqui de Irati, até na tabacaria (nome), saímos, minha mãe é bem liberal, sabe! Até lá em casa os piá vão, ou vamos à casa dos piá. Até no Park (Park Dance) ela tá me deixando ir agora. Como eu falei eu tenho 16 ainda, se ela fala não, é não, eu não vou. Fumo meu narguilé, mas não uso droga, não bebo (Iqbal, entrevista, 14.08.2018).

Final de semana nós sempre saímos pra alguma parte, assim! (...) Tipo, nós vamos nas praças, assim encontra os amigos, tudo! As vezes nos vamos no G center comer alguma coisa. Às vezes nós vai no aniversário na casa de algum companheiro. Às vezes, nós vamos no parque e fica domingo todo lá jogando bola (...) Que nem ontem nós fumo lá, fumamos lá, lá no parque, e aí fomos jutar bola, aí os piá tava perguntando como eu não tava levando gol. Eu disse é que isso me acalma, me deixa mais focado. Só que lá no parque nós só fumamos quando tem bem pouca gente, mesmo! E fumamos longe (Bertoldo, entrevista, 21.08.2018).

Eu sou bem eclético, eu gosto de todas as festas. Agora que eu já tenho 18 anos então agora eu vou, quando tem no Empório eu vou, banda, show, open bar. As vezes quando não tem balada para ir a gente se reúne para uns rolê. *O rolê é?* Ah, beber, fumar narguilé, conversar (Florestan, entrevista, 20.08.2018).

Com relação às drogas notou-se o fato de apenas 2% das estudantes afirmar serem a favor da descriminalização. Já, por parte dos rapazes, este percentual favorável à

liberação das drogas para autoconsumo sobe para 20%. Nesse aspecto, pelo menos, as mulheres parecem ter um posicionamento mais “conservador”, de rejeição ao consumo de drogas.

Percebemos que os meninos têm mais mobilidade para circular na cidade, pois durante as entrevistas foi mais comum as meninas levantarem queixas de que a circulação delas na cidade é mais controlada pelos pais, sobretudo no que diz respeito ao desfrute do lazer e do namoro. O relato de Rosa e Simone também informa que nas práticas de lazer e sociabilidade ainda persistem diferenças de gênero e, por isso, sair, ir à festa demanda para as jovens um investimento pessoal maior.

Eu saio às vezes com meus primos para ir em festa e tudo mais, e aí algumas pessoas da minha família falam assim que é coisa de menina ficar saindo de noite, essas coisas assim. Que é feio! Tem um primo que veio morar aqui e ele sai todo final de semana, e eu quando saio, ou saio dois finais de semana seguidos já ficam falando o que é isso, essa menina tá saindo demais! Quando a menina sai demais já está procurando alguma coisa, quando o piá sai demais ele só tá curtindo, sabe! É muito essa visão machista. Se a menina faz uma coisa ela tá querendo chamar atenção, tá querendo provocar, e tudo mais! Então tem muita menina que tem medo de fazer alguma coisa, de fazer alguma coisa que tem vontade porque aí vão falar isso de mim. E eu acho isso muito ruim, porque as vezes a menina só quer sair (Rosa, entrevista, 10.08.2018).

Ah, eu queria sair mais para festa com meus amigos, como meu pai não mora aqui, não posso sair, porque meus avós ficam preocupados e acham que eu sou muito nova também. Daí eu só posso sair quando meu pai tá aqui, porque quando ele tá aqui ele me leva e me busca e daí tenho horário para ir e para voltar (Simone, entrevista, 14.08.2018).

A pesquisa revelou também que muitos jovens, especialmente as meninas, realizam passeios com a família nos finais de semana. Este aspecto, em parte, pode refletir certo controle sobre os movimentos e relações dos filhos (filhas) e, ao mesmo tempo, uma prática cultural de uma classe social, no contexto de cidades interioranas, onde os passeios em parques, cemitério e o almoço na casa dos avós sinalizam um modo de convívio social e de lazer:

Agora eu saio mais com minha família nos finais de semana, a gente vai no cemitério, e tal, sai passear. E também saio mais com minhas amigas (Maria, entrevista, 14.09.2018).

Mais no final de semana com minha mãe principalmente, porque meu pai trabalha, daí a gente sai mais eu e minha mãe, para ir no centro, pagar as contas, comprar alguma coisa, comer alguma coisa, mas a gente fica mais em casa. No domingo que a gente almoça tudo junto com a família, se reúne na casa de alguém, da minha vó (Rosa, entrevista, 10.08.2018).

Final de semana eu saio com a família, a gente almoça na casa da minha vó, ou a gente vai em alguma festa no interior, às vezes, eu saio com meus amigos. (...) (Chica, entrevista, 16.08.2016).

Por último, percebemos que a realidade social dos jovens, especialmente as limitações financeiras que aparecem em vários depoimentos, limita o acesso a muitas atividades de lazer, em especial, as de capital cultural, como viagens, tocar instrumentos musicais, ir a shows ou realizar esportes que tenham um custo. Observamos algumas falas, o reconhecimento que sua condição social, a falta de dinheiro, ou seja, o capital econômico, acaba os privando de tais atividades.

O desejo de viajar para os jovens do sexo masculino não revela uma expectativa de realizar viagens como uma prática cultural, mas mais pelo caráter de consumo do automóvel e de aventura de pilotar, dirigir. Revelando uma postura masculina e viril construída em torno do homem, mas também pela percepção de que é um meio ou privilégio dado para uma classe social a qual ele não pertence.

Ah, eu tenho um sonho de comprar um carro para montar para drift. Né! Porque eu gosto, admiro muito, eu e o pai ia antigamente às corridas. (...) É uma corrida livre com carro, mas você precisa turbinar o carro. E é bem salgado o preço, bem salgado mesmo, custa uns 40, 45 mil para montar um carro. É um esporte caro, nossa, mas é muito joia! (Iqbal, entrevista, 14.08.2018).

Tem, viajar! (risos) Cara, eu sempre tive vontade, parece absurdo, mas eu sempre tive vontade de pegar a estrada, de dirigir sozinho, sem rumo. Eu gosto de viajar! Mas para isso preciso de um carro e carteira (risos) (Paulo, entrevista, 16.08.2018).

Ah! se eu tivesse dinheiro (...) ah! eu queria sair viajar. Eu os piá sempre combina de ir pra alguma parte um pouco longe assim, mas nós nunca vamo. Que nem pras piscinas assim, nós queremos ir as veis, não dá por falta de dinheiro! Por que as veis, até um tem, mas os outro não, e o outro também não tem pra pode pagar. Daí ninguém vai! daí nós combinamos de ficar ali mesmo no bairro, ou vamos no parque (Praça), que é ali pertinho (Bertoldo, entrevista, 21.08.2018).

No entanto, em alguns casos, a experiência dos jovens acena um desejo de uma prática diferente de lazer, mas as dificuldades financeiras não autorizam.

Eu gostaria de aprender mais coisas, aprender a tocar mais coisas, assim, na arte eu gostaria de aprender mais coisas, mas é uma coisa que é caro, não é uma coisa para todo mundo (Olga, entrevista, 10.08.2018).

Ah! Eu gostaria de ir a shows, essa coisa da música (Maria, entrevista, 14.09.2018).

Ao falarem das suas atividades de lazer ou de tempo livre, pudemos examinar também outros processos formativos e de sociabilidade da juventude, para além da família escola e do trabalho. Boa parte dos jovens trabalha ou busca uma formação para conseguir um emprego. O curso de fotografia, informática, atendente, ou ainda, a inserção no Programa Jovem Aprendiz, foram mencionados pelos jovens e diz muito sobre o sentido do trabalho para a juventude:

Eu acho que estudado mais, (riso) eu acho que ter feito cursos, essas coisas, sabe! eu fico pensando assim, que tem amigas que já tão trabalhando assim, eu não! (Olga, entrevista, 10.08.2018).

Eu estou fazendo um curso de foto agora e to gostando, já estou fazendo alguns trabalhos nos finais de semana (Chico, entrevista, 16.08.2018).

Eu fui jovem aprendiz, todo curso barato ou gratuito que aparecia eu fazia (Antonio, entrevista, 13.08.2018)

O cursinho vestibular foi citado por seis jovens de ambos os sexos. Cinco deles faziam cursinho pré-vestibular privado no período noturno, um deles fazia um cursinho on-line. Dois deles trabalhavam para pagar o cursinho, e três o cursinho era pago pela família. Estratégias das famílias e dos jovens para incorporação de um capital cultural institucionalizado.

Sim, dinâmico, a noite, porque eu trabalho a tarde. (Lenin, entrevista, 20.08.2018).

To fazendo “Descomplica”, não sei se você conhece, mas é um cursinho online. Muito bom (Paulo, entrevista, 16.08.2018).

Embora não tivéssemos uma pergunta direcionada ao investigar afiliação religiosa, durante as entrevistas os jovens relataram situações da sua participação individual ou em grupo/turma quando falavam dos seus momentos de tempo livre, de lazer, o que nos permite afirmar que pelo menos para a metade dos jovens entrevistados a religião ocupa um lugar de formação e socialização – quatro deles relataram participação na igreja católica, inclusive em grupos de jovens ou de catequese; outros quatro, em instituições evangélicas; dois no espiritismo e um deles revelando um ecletismo religioso.

A minha família inteira é espírita, e eu também, tanto que eu estudei seis anos no Kardec. Eu fui batizado e crismado na Ucrariana, depois fiz catequese na católica. (...) mas agora eu estou indo na evangélica, na

comunidade alcance, eu estou gostando da energia deles, de como que eles se manifestam, tem seus controversos (...) Mas eu como tenho uma oratória boa, ganhei a confiança lá, me chamam de pastorzinho lá, porque eu desde pequeno eu sempre li a bíblia, então eles gostaram, e eu fiz um cursinho de teologia, daí eu fiquei brincando com isso, estudando e tal. Mas eu já falei para eles que a minha religião culturalmente é o espiritismo. *Mas o que te motivou a participar dessa comunidade?* Foi uma menina (risos). Eu comecei ficar com uma menina e gostei dela (...) Daí eu comecei ir e fui me envolvendo com o pessoal (Lenin, entrevista, 20.08.2018).

Eu ajudo numa igreja evangélica aqui de Irati. Eu participo já faz uns 7 ou 8 anos. Eu participo e ajudo, às vezes viajo com eles para reuniões, é a parte mais espiritual. (Marx, entrevista, 16.08.2018).

Nos finais de semana a gente sai, com o pessoal aqui da sala, a gente vai no parque aquático, toma tereré, toca violão. Nas quintas a gente vai na igreja, a noite (Ministério Jovem, na São Miguel). E quando tem algum evento da igreja a gente vai na igreja (católica) (Chica, entrevista, 16.08.2018).

Os dados da pesquisa permitem aferir que a instituição religiosa e escolar são espaços de sociabilidade relevante para os jovens. Porém nos dados do questionário observa-se uma diferença de gênero na afiliação religiosa, sendo esta atividade mais praticada pelas meninas.

No que diz respeito ao lazer dos jovens, notamos que o município de Irati, como grande parte dos municípios do país, apresenta uma oferta bastante precária, uma vez que há poucos espaços públicos de qualidade voltados à área. Todos os equipamentos são utilizados pelos jovens, contudo, nas entrevistas eles destacaram o uso das praças, dos espaços de alimentação e dos ginásios e quadras poliesportivas, particularmente, pelos jovens do sexo masculino.

Considerações finais

Para finalizar a análise, retomamos a metáfora do *nó* utilizada por Kergoat (2016) para expressar a ideia de consubstancialidade, afirmando que os jovens, individualmente ou de modo coletivo, são resultado de relações sociais de classe, de gênero e de raça/cor em uma sociedade que é múltipla e contraditória. Essas relações sociais atravessam os modos de vida das juventudes, confirmado que na sociedade de classe há lugares diferentes para homens e mulheres em todas as esferas da vida (HIRATA, 2014; KERGOAT, 2016).

No que se refere às atividades de tempo livre e lazer, os dados informam que as atividades mais comuns entre os jovens é navegar na internet, utilizar as redes sociais, sair com os amigos e com a família. As principais diferenças de gênero estão no uso do videogame, esporte, leitura e dança, sendo as primeiras mais citadas pelos jovens e as últimas pelas jovens.

Os gostos e práticas de lazer dos jovens das escolas públicas de Irati são produzidos nos espaços que circulam. Para maioria deles, sair com os amigos é a base da atividade social de lazer, principalmente nos finais de semana – na praça, na lanchonete, na praça de alimentação, na casa dos amigos. Porém, a pesquisa mostrou que meninos têm mais mobilidade para circular na cidade, sobretudo no que diz respeito ao desfrute do tempo livre e do lazer.

A pesquisa realizada indica-nos que é fundamental avançarmos nos estudos teóricos e, sobretudo, em pesquisas de cunho empírico, *in loco*, para estabelecermos reflexões sobre o universo juvenil brasileiro, em especial nas cidades pequenas, do interior, que pouco aparecem nas pesquisas sobre juventude, buscando responder o que os jovens nos dizem após a Pandemia da Covid 19, a qual atravessou as práticas sociais de tempo livre e lazer dos jovens.

Apoiando-se no pressuposto que não existe “juventude” como conceito que expresse uma categoria biossocial homogênea, mas sim *juventudes*, como pluralidade de indivíduos que, em alguma medida e em algum momento, possam ser identificados como pertencentes à juventude.

Referências

ABRAMO, HelenaWendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (org). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena. Wendel.; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (org) **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.

Brasil. [Estatuto da Juventude (2013)]. **Estatuto da juventude: atos internacionais e normas correlatas**. – Brasília: senado Federal, coordenação de Edições técnicas, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas; Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2009. (Coleção estudos/dirigida por J. Guinsburg).

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CORSO, Angela Maria. **Ocupar é aprender : representações da juventude sobre as ocupações em escolas públicas de ensino médio em Irati (PR)**. 2020. 242 f. Tese (doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Unicamp, Campinas, SP, 2020.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

GOHN, Maria da Glória. **Participação e democracia no Brasil: da década de 1960 aos impactos pós-junho de 2013**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84979> Acesso em: 1 jul. 2019.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos**, Cebrap, n. 86, março 2010, p. 93-103. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n86/n86a05.pdf> Acesso em: 20. ago. 2023.

KERGOAT, Danièle. O cuidado e a imbricação das relações sociais. In: *Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectiva interseccionais*. Organização Alice Rangel de Paiva Abreu, Helena Hirata, Maria Rosa Lombardi; tradução Carol de Paula. São Paulo: Boitempo, 2016.

SPOSITO, Marília Pontes; GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 345-380, 2004.

SPOSITO, Marília Pontes. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. v. 1 e 2. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

Recebido em maio de 2024.

Aprovado em julho de 2024.